

FRANZ KAFKA : UM HOMEM EM LABIRINTO

Sara Diva Ipiranga

*Professora Assistente de Teoria da Literatura da
Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Estudos
Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.*

Hoje, em Praga, terra natal de Kafka, ele está na moda e virou objeto de consumo de turistas ocasionais e visitantes estudiosos da sua obra. São camisetas, jarras, canecas, souvenirs diversos que trazem inscritos o nome e a famosa silhueta judaica do escritor. Logo no aeroporto você se depara com um sem número de objetos que parecem apresentá-lo como um ícone tcheco, a “cara” de um país que passou por grandes transformações nas últimas décadas, e deseja conservar uma imagem que o identifique.

De início parece improvável que esse escritor, famoso pela estranheza de algumas de suas obras, esteja hoje disseminado pela cultura de entretenimento, vendido como peça turística de um povo ou país. Essa sensação de deslocamento, porém, acompanha Kafka e sua obra desde o início. De origem judaica, morando na hoje República Tcheca, ou seja, convivendo com povos, línguas e culturas diversas, o menino filho de Hermann Kafka e Julie Löwe, nascido a 3 de julho de 1883, teve educação rígida, influenciado sobretudo pelo caráter firme e intransigente de seu pai. Para seus biógrafos, as relações tumultuadas com a família, em especial com a figura paterna, dão o grande tom da sua obra, perspectiva que pode ser apreendida em livros como *Carta ao pai* (1919) e *Metamorfose* (1912).

Formado em Direito (1906) e trabalhando em uma empresa de seguros, Kafka era insatisfeito com o ritmo burocrático e rotineiro das suas atribuições. Culto, com fluência em várias línguas, tinha ambições literárias, desde cedo combatidas pelo pai, que não lhe enxergava nem reconhecia méritos artísticos. As relações amorosas também eram confusas. Teve algumas noivas (Felice Bauer, Milena Jesenká, Julie Wohyzek

e Dora Diamant), mas não concretizou em casamento nenhum de seus casos, todos censurados pelo senhor Hermann Kafka. O confidente de tantas atribulações era o amigo Max Brod, interlocutor também essencial na construção de sua obra.

Morto precocemente antes de completar 41 anos de idade (3 de junho de 1924), no Sanatório de Kierling, próximo a Viena, esse homem franzino, reservado e tímido, que ordenou a seu amigo Max queimar toda a sua obra, é hoje considerado, ao lado de Joyce, Proust e Dostoiévski, um dos maiores escritores do mundo. Seus livros continuam despertando perplexidade diante do inusitado das situações que encenam. Fora de estilos ou classificações literárias que poderiam determinar um caminho seguro de leitura, são um convite inquietante que desloca os olhares tradicionais. Desprovidos das metáforas habituais, por sinal expressamente rejeitadas por Kafka, inserem o leitor num mundo de poucas pistas e muitos enigmas, onde castelos sem fadas colocam-no num labirinto sem saída.

A matéria-prima de sua obra é essencialmente o homem, quase sempre engolido pelo inexplicável ou abominável da condição humana. Perdido, esmagado ou incompreendido, seu destino é percorrer labirintos infinitos que vão dar em lugar nenhum. Sem chaves, muito menos portas, esse homem pode ser um rato, uma barata, ou outro animal, e suas frustrações elaboram um texto particular, único, que instiga leituras desalojantes.

Kafka começou a produzir cedo, por volta de 1904 (*Descrição de uma luta*), e continuou a escrever até sua internação no sanatório para tratamento de uma tuberculose fatal em 1923 (*A construção*). De pequenas histórias (*Contemplação* - 1912) a romances inacabados (*O foguista*, primeiro capítulo de *O desaparecido* ou *América*, como é mais conhecido no Brasil - 1912), Kafka passeia por contos, novelas, gêneros diversos. A escritura de algumas de suas histórias surpreende pela rapidez. *O veredicto* (publicado em vida - 1912) teria sido escrito de um só fôlego, de 22 para 23 de setembro, das dez da noite às seis da manhã. *A construção* (1923) parece ter tido artesanato similar. Aliás, este último livro de Kafka, que ficou aos cuidados de sua amante, Dora Diamant, chegou a ser confiscado pelos nazistas pelo seu suposto conteúdo "revolucionário". Sabemos que o enredo do livro centra-se na história de um animal, não se sabe qual, pois

não é nomeado, que passa dias e noites dentro de uma construção embaixo da terra. Ocioso, ocupa seu tempo em comer e se preparar para um suposto ataque inimigo. A sensação de sufocamento e angústia é enorme. Segundo alguns críticos, tal sensação advém da tuberculose crescente do autor, que impedia a respiração normal, e da imposição das idéias do regime nazista, antecipada aí por Kafka.

Rituais de tortura (*Na colônia penal*, publicado em vida e escrito de 15 a 18 de outubro de 1914), relações familiares conflituosas (*A metamorfose* – 1912; *Carta ao pai* – 1919) e a opressão da burocracia do poder (*O processo* – 1914) povoam o universo kafkiano. Do microcosmo familiar (“*Eu sou minhas histórias*”) à superestrutura do poder, o escritor tcheco recria as formas de opressão que perseguem o homem, seja em casa, no trabalho ou na sua relação com o Estado (“*Você não tem desejos de reforçar ao máximo o que é doloroso?*”). O poder e suas formas de conduzir a vida e de decidir inclusive a morte são tematizados com argúcia e dilaceramento na obra kafkiana.

Alguns livros, com certeza, destacam-se entre o grande público. *A metamorfose* talvez seja o mais conhecido de todos. Novela curta, de menos de cem páginas, escrita em torno de vinte dias, tem na secura da narração, na economia de detalhes, na “fome” da escrita o seu grande valor. Sua leitura é impactante visto que a descrição da trajetória desconcertante de Gregor Samsa, caixeiro-viajante que acorda transformado em um animal repulsivo, prima pela agudeza das situações narradas. Rejeição familiar e alienação do trabalho são pontos fortes que fazem dessa história um marco dentro da literatura.

O processo também é outro livro que fez de Kafka um escritor conhecido. Teve uma adaptação para o cinema e é referência recorrente em vários escritores admiradores de Kafka (J.M. Coetzee, prêmio Nobel de 2003, com o livro *Vida e morte de Michael K.* faz uma homenagem expressa ao escritor judeu). O personagem desta história, condenado não sabe por qual motivo, tem uma trajetória errante em busca de uma explicação para a sua condenação. Tal explicação nunca será encontrada, pois é o absurdo mesmo da condição humana que está ali sendo posto em questão.

O que é mais fascinante em Kafka é a sua resistência ao lugar-comum. Longe das metáforas habituais e dos finais previsíveis, cada

narrativa surpreende pela não concessão ao óbvio, pelo afastamento das expectativas do leitor. Talvez por isso sua leitura seja considerada por alguns de trato difícil, artesanato para iniciantes. Mas se pensarmos em *A metamorfose*, esse comentário se dilui. Essa novela encanta pelo impacto e pela intensidade do seu aparato textual. Com uma economia descritiva ímpar, ele narra a trajetória de Gregor Samsa, sua transformação em um animal repulsivo e a conseqüente rejeição familiar. Esse homem-bicho se transformará num personagem-limite da literatura mundial, devido à carga de significância que lhe é atribuída. Catarse pessoal, insatisfação com o mundo, qualquer que seja o sentido a ele colado, Gregor Samsa atravessa tempos e desperta sempre novas e surpreendentes interpretações. A civilização, nesse trajeto que se quer evolutivo, ainda mantém em suas estruturas formas de aprisionamento do homem, sutis ou violentas. Dos grupos familiares à opressão do Estado, o homem permanece um ser alienado em si mesmo, cercado de processos e assombrado por castelos imaginários. Daí a atualidade incessante deste livro que, na sua prosa enxuta e depurada, consegue causar uma leitura desalojante, fazendo com que o leitor perca suas seguranças cotidianas e se aventure num mundo que lhe parece estranho, mas que, contraditoriamente, é-lhe muito próximo.

São muitas as leituras que vão se depositando sobre a obra kafkiana e que tentam decifrá-la, como se isso fosse possível. Sendo um dos autores mais estudados do século XX, encontramos sobre ele e sua obra uma quantidade enorme de estudos a partir de vertentes diferentes: psicanalítica, biográfica, religiosa, histórica etc. Mas alguns trabalhos com certeza se tornaram clássicos e referência para os leitores: *Anotações sobre Kafka*, de Theodor Adorno; *Kafka: a propósito do décimo aniversário de morte*, de Walter Benjamin e *Kafka: por uma literatura menor*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Adorno principia seu texto descartando todas as interpretações anteriores sobre Kafka, denunciando a fragilidade de todas elas e propõe um estudo mais acurado que revele o texto em sua profundidade e sua resistência à interpretação. Tomando alguns termos da psicanálise para preparar sua exegese, que ele diz ser baseada na literalidade do texto, constrói um ensaio denso e que tenta escapar ao biografismo que tanto insiste em ser a porta de entrada para a obra de Kafka. Já Walter Benjamin, apoiado na filosofia, constrói um

texto circular, que aborda diversas questões pertinentes à obra. A transformação da figura paterna em vários tipos de autoridade e a ênfase na parábola (figura sem interpretação linear) são os principais pontos abordados neste ensaio. O livro de Deleuze e Guattari começa com uma pergunta que tenta ser respondida durante todo o percurso interpretativo: “Como entrar na obra de Kafka?”. A partir da possibilidade de “entradas múltiplas”, os autores trabalham conceitos que até hoje são marcantes dentro dos estudos literários. A idéia dos rizomas é um deles: linhas de interpretação difusas e sem um centro comum ordenador, em oposição à idéia de raiz, elemento fixo que oferece segurança. Situando a obra de Kafka no nível da “desterritorialização”, eles buscam sair do tradicional e criar outros sentidos para ela. Mas o conceito talvez mais importante é o de literatura menor. O menor aí não implica inferioridade, mas um comportamento discursivo que foge à dita grande literatura, que trabalha mesmo implodindo esta língua (no caso, o alemão), para nas suas fissuras, pela fome do seu texto, criar uma nova narrativa.

São muitas as portas de entrada no texto kafkiano e muitos os corredores a percorrer. A sensação que fica, após a leitura de cada livro, é a de ser capturado por um discurso invasivo, não persuasivo, que nos joga dentro do texto sem nenhuma escapatória. Como Alice que, atrás de um coelho falante, caiu num buraco e desceu para o País das Maravilhas, nós também empreendemos uma aventura “fantástica”. No lugar do coelho, animais repulsivos e nojentos que nos levam para as cavernas subterrâneas do ser. Sem saída. Mas é neste lugar mesmo que podemos, de relance, entrever o rosto magro, as orelhas salientes e olhar marcante de um judeu que, pela escrita, inscreveu sua história e uma nova trajetória para a literatura.